

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



AS “CLASSES PERIGOSAS” NOS SERTÕES CEARENSES: TRABALHO E CONFLITOS NO SÉCULO XIX.

MARILIA ISABEL TOMAZ ROCHA DE MORAES¹; DARLAN DE OLIVEIRA REIS JUNIOR²

RESUMO: A pesquisa tem por objetivo analisar o processo histórico das diferentes formas de lutas de classes nos sertões cearenses, no decorrer do século XIX. Numa sociedade marcada por fortes desigualdades econômicas, escravidão, pobreza, discriminação das classes subordinadas e patrimonialismo, havia um permanente estado de tensão por parte das autoridades constituídas e por setores das classes senhoriais. O medo das chamadas “classes perigosas”, da violência vista como inerente às mesmas, da insurreição dos escravos, das rebeliões dos pobres, traduzia-se em formas de leis, estruturas policiais, discursos e na elaboração de uma espécie de saber destinado ao controle social. Por outro lado, as classes subordinadas também tinham seus receios. Pequenos camponeses temiam perder suas terras para os grandes fazendeiros, por exemplo. Havia o medo da fome, da miséria, que assolavam as camadas pobres. Os libertos temiam a reescravização, assim como, homens e mulheres que eram livres, segundo a legislação da época, temiam a chamada “escravização ilegal”. Os escravizados sofriam, além da própria violência que é a escravidão, com a violência física, o temor da venda e separação dos arranjos familiares, a discriminação de outros setores, enfim, com todo o estigma das relações escravistas. São utilizadas fontes existentes no Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC) e da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: Classes perigosas. Pobres. Desigualdade econômica. Luta de classes.

1. Introdução

A pesquisa tem como objeto, o processo histórico das diferentes formas de lutas de classes nos sertões cearenses, no decorrer do século XIX, ou seja, os conflitos entre a classe senhorial dominante e as classes subalternas, vistas como perigosas: escravizados, moradores de favor, camponeses e demais grupos sociais explorados através do trabalho. Predominava uma economia agrária, com atividades vinculadas ao mundo rural, não exclusivas, mas predominantes, combinando o uso de diversos tipos de mão de obra,

¹ Graduanda em História pela Universidade regional do Cariri- URCA Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. Membro do núcleo de estudos em história social e ambiente (NEHSA); mariliaisabel.moraes@urca.br

² Orientador, Professor Associado da Universidade Regional do Cariri, Departamento de História. darlan.reis@urca.br

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana

de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



trabalhadores livres, como os jornaleiros, agregados e trabalhadores escravizados, além do trabalho nas pequenas posses, realizados pelas famílias camponesas. A disciplinarização e o controle social sobre a população, através do trabalho, da legislação e do uso do aparato estatal, inclusive como os mecanismos de desclassificação social, exclusão da cidadania e a própria escravidão, além do efetivo exercício do poder através do estado, garantiam a continuidade das relações expropriatórias dos senhores sobre os trabalhadores.

Assim, os conflitos sociais, que derivam das tensões próprias da formação social brasileira, eram traduzidos na ocorrência da criminalidade, da violência, nas disputas por terras, nas revoltas contra as medidas governamentais, nas crises sociais relacionadas às epidemias, calamidades climáticas, doenças, enfim, todo um conjunto de problemas que eram entendidos de maneiras diversas pelos grupos sociais. Negros, mestiços, brancos, fossem escravizados ou livres pobres, eram temidos pela classe senhorial e os setores próximos a ela. Nos sertões cearenses e na região do Cariri em especial, esta percepção encontrava ressonância em alguns meios sociais que temiam pelo futuro, diante do quadro de violência e criminalidade que consideravam estar vivendo. Clamava-se por regressão, utilizando-se de expedientes diversos, como o aumento da força policial ou a utilização de grupos armados, as chamadas escoltas.

No geral, a perspectiva dos agentes públicos seguia a mesma lógica de imputar a criminalidade às condições morais das chamadas “classes perigosas”, predispostas à ociosidade, à vadiagem e às diversões perniciosas, no entender de muitos daqueles membros do aparelho institucional. A preocupação com a segurança da propriedade era constante entre os defensores da ordem social existente na região do Cariri. E quem mais atentava contra essa ordem seriam as quadrilhas de salteadores que andavam pelos caminhos, transitavam entre as províncias. Desde a independência, o processo de consolidação das instituições governamentais levou em conta a subordinação da população considerada como inferior, sem direito à cidadania, o que se torna evidente no que foi estabelecido na constituição de 1824.

O processo não foi linear, sofreu mudanças em seu direcionamento, conforme as disputas políticas do período foram sendo definidas. Além disso, envolveu as experiências das classes sociais no processo de lutas entre senhores e trabalhadores. Não é possível entender a dinâmica da consolidação do aparelho estatal e do campo jurídico, sem levar em conta estes aspectos. Além disso, no exercício das funções destinadas a exercer o poder de coerção, suas atribuições e limites, estavam os elementos que direcionam a atuação dos governos no trato das questões que envolviam o mundo do trabalho e da ociosidade/criminalidade.

A prática da dominação levava a classe dominante a pensar os subordinados como dissolutos, justificando a própria dominação como necessária e providencial para a manutenção da ordem e da garantia da

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



propriedade. Diante das colocações apresentadas, procuraremos nesta pesquisa, analisar as relações entre a organização do trabalho e da propriedade no decorrer do século XIX e os conflitos advindos deste processo: escravizados, roceiros, “cabras”, moradores, jornaleiros, fazendeiros, agentes públicos, o clero, a imprensa, compunham a estrutura social, o binômio consenso-conflito que conforma as relações sociais. As manifestações deste binômio apresentavam-se de várias formas: através da violência física, da emboscada, do serviço por encomenda, da vingança familiar, ou, através do recurso aos tribunais. O outro lado seria a vigência da cordialidade, do compadrio, da hospitalidade e do paternalismo. Caminhando juntos, o consenso e o conflito faziam parte do mesmo processo histórico do cotidiano rural nos sertões do Ceará oitocentista.

2. Objetivos

Analisar as diferentes expressões das lutas de classes nos sertões cearenses do século XIX.

Identificar e analisar as formas de resistência dos homens subordinados, escravos e livres, trabalhadores no mundo rural.

Analisar a atuação do Estado e seus agentes diante dos conflitos sociais que ocorreram no período.

3. Metodologia

Na perspectiva da História Social, tanto as relações sociais, quanto às formas de propriedade, instituições, aparatos jurídicos e militares etc., são desnaturalizadas e compreendidas no devido processo histórico. Para atingir os objetivos propostos, entendo que a utilização das fontes históricas só tem sentido quando estão vinculadas a um procedimento metodológico coerente com as questões teóricas. A utilização de uma gama variada de documentos, a partir de uma abordagem que procura destacar aspectos do movimento social em um determinado espaço e temporalidade, depende dos critérios teóricos e metodológicos do pesquisador. Para Julio Aróstegui, o problema essencial do objeto da historiografia é sua irreduzível globalidade, além da exigência constitutiva de tratar com um objeto dinâmico, “Por isso, uma disciplina como a historiografia não tem outro remédio, para enfrentar a complexidade e heterogeneidade de seu objeto, do que recorrer à sequenciação temporal, à setorialização temática e à territorialização espacial”. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 337). A compreensão de uma sociedade agrária passa pelo entendimento da dinâmica das forças produtivas e das relações sociais estabelecidas na formação social. A documentação é a base para a análise: cruzar as fontes, as informações presentes no interior da documentação, revelar as estratégias dos agentes sociais e ao mesmo tempo, aprofundar as leituras sobre o tema e também teóricas.

4. Resultados

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



A pesquisa está em fase inicial. É feita a leitura dos livros e artigos indicados pelo orientador e pesquisa nas fontes. Foi possível identificar no Jornal O Araripe (1855-1864), o discurso de desvalorização da população pobre, assolada pela miséria e fome. É o que se evidencia em um trecho retirado do jornal Araripe, do ano de 1855, N°22:

Entretanto tudo q^{to} nos restou do anno passado, ja não existe; o rico procura aprovisionar-se fora da comarca, o pobre, que só possuía uma cabana e uma rossa se afaima. Privando assim o pobre de seo paõ, vae-se codusindo-o às medidas de disespero= quando o pobre não tivero que comer, disia Roussem, comerá o rico. (ARARIPE, 1855, N°22, p.1)

Sendo assim, é perceptível que a classe senhorial temia os pobres em geral, o medo de perder sua e dominância e mão de obra das classes menos favorecidas. Desse modo, ao analisar a citação acima é percebido que na época das secas que assolavam a população, o pobre não tinha a garantia de sobrevivência, só restava esperar a caridade dos que tinham mais condições econômicas, o que pode ser exemplificado com uma citação do jornal A Voz da Religião, do ano 1869, N° 31:

Tão bello quão lisongeiro quadro nos atesta a Omnipolencia de un DEUS misericordia, que prodigalizando á orfã desvavida, á infeliz e ao pobre enfermo, que jazen na miseria, o pão do corpo e do espirito, dignou se conceder-nos conceder-nos por alguns dias o Venerando Padre José Antônio de Maria Ibiapina, zeloso obreiro da Vinha celestial, e seguro arrimo dos pobres que, buscando affonso extorquir-nos do mar tempestuoso deste mundo, procura guiar nosso errante e fraco baixél a um seguro porto de salvação. (A VOZ DA RELIGIÃO, 1869, N° 31)

As esmolas eram o maior ato de caridade do rico para com o pobre, a doação de terras para a construção de moradia e para ser feitos de roças, mas também funcionava como uma forma de controle, já que para quem recebia a terra isso funcionaria como um laço. Outra maneira de apelar para os pobres, eram os pedidos de ajuda para batalhas que juntaria toda a população, é o que acontece no jornal Araripe, ano 1856, N°57:

Homens das diferentes épocas, Brasileiros de boa fé, republicanos rigidos ou moderados, monarchistas sinceros, pobres, escriptores ardentes e acessos no sagrado amor da patria, agricultores, soldados, povo qual é o estado actual aquelle, pelo qual tendes combatido e luctados? (O ARARIPE; ano 1856,N°57)

5. Conclusão

Por ser pesquisa em estágio inicial, apresentamos os resultados após dois meses de investigação. Como afirmamos, o desenvolvimento dos estudos, a

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana

de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



leitura teórica e da produção historiográfica, combinada com a investigação nas fontes, possibilitará analisar a história vivida de trabalhadores e trabalhadoras e as relações sociais destes com os senhores, configurando o mundo do trabalho. Desse modo, a partir da perspectiva da História Social, será possível compreender o processo de lutas sociais entre senhores e trabalhadores nos sertões cearenses do século XIX, bem como a atuação dos agentes estatais.

6. Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pela bolsa de iniciação científica, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Regional do Cariri (URCA).

7. Referências

- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução Andréa Dore; revisão técnica José Jobson de Andrade Arruda. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão**. – 2ª edição: revista e ampliada - Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARTELT, Dawid Danilo. **Sertão, República e Nação**. – tradução de Johannes Krestschmer; Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Agricultura, Escravidão e Capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- COHEN; CONGOST; LUNA (orgs.). **Pierre Vilar - uma História Total, uma História em construção**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888**. – tradução de Fernando de Castro Ferro. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975.
- DANTAS, Monica Duarte. **Fronteiras movediças: relações sociais na Bahia do século XIX: (a Comarca de Itapicuru e a formação do arraial de Canudos)**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.
- GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Ática, 1988.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. **As classes perigosas: banditismo urbano e rural**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- KULA, Witold. **Problemas y métodos de la Historia Económica**. Barcelona: Ediciones Península, 1977.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

FONTES

Jornal Araripe 1855-1864

Jornal A Voz da Religião 1868-1870